

O ESPAÇO COMO POSSIBILITADOR DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO SESC UNIVERSITÁRIO¹

Francisley Araújo Silva²

Resumo: Este artigo se propõe a reflexão e discussão sobre a importância dos espaços proporcionados às crianças da educação infantil como veículo de novas aprendizagens, troca de saberes e interação. Alicerçado na pesquisa bibliográfica, considerados os seus principais referenciais teóricos e na Proposta Pedagógica para a Educação Infantil do SESC, que discute a importância dos espaços, do papel do professor e também como se dá a relação das crianças com o meio proporcionado a elas e com as diferentes culturas vivenciadas. Os espaços que se constituem dentro do contexto da educação infantil devem ser preparados para a criança e com a criança, respeitando o direito que todas elas têm de buscar construir a sua autonomia, sua identidade bem como, o seu próprio conhecimento, e ao educador infantil cabe reconhecer sua verdadeira e importante função nesses espaços, participando como alguém que por ser mais experiente tem muito a planejar, intervir, mediar e proporcionar aos seus educandos.

Palavras-chave: Espaço. Criança. Aprendizagem. Cultura da Infância.

Introdução³

A Proposta Pedagógica para a Educação Infantil do SESC Nacional ressalta que é válido, para todo professor de educação infantil, designar alguns momentos para ler e refletir sobre a ideia ou ideias de infância e na sua influência no planejamento da ação educativa e na intervenção docente. Avaliar a forma como a criança foi observada e tratada em diferentes períodos da história da humanidade torna patente o fato de que a ideia de infância não é algo natural ou dado, mas, sim, que a concepção de criança se constrói, desconstrói e se reconstrói ao longo da história, de acordo com posturas, concepções e teorias que envolvem diferentes discursos e práticas, produzidas e reproduzidas por diversas instituições como o Estado, a Igreja, a família, os meios de comunicação, a escola, entre outros, e que têm implicações práticas na vida das crianças.

¹ Artigo produzido para a III Semana de Integração da Universidade Estadual de Goiás, para apresentação no GT Educação Infantil.

² Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil do SESC Universitário Recanto Tia Luízinha, Goiânia DR-Goiás. E-mail: fbarros@sescgo.com.br

³ O texto apresentado no primeiro e segundo parágrafo deste tópico é parte da Proposta Pedagógica para a Educação Infantil do SESC Nacional.

Refletir sobre esse tema, repensando o dia-a-dia, permite ao professor entender e identificar, em sua própria prática, concepções de criança dominantes em outros momentos da história, mas ainda recorrentes na atualidade. Ainda hoje é comum encontrar nas práticas escolares, na mídia e nas artes uma representação da criança identificada a um estado de pureza de sentimentos e incompletude intelectual, que persistem no dia a dia escolar e interferem negativamente na construção de contextos de aprendizagem e desenvolvimento. Considerar o conceito de infância como construção social possibilita ver o sujeito como ativo e capaz de transformar, desconstruir e construir as explicações que existem sobre ela e sobre seu mundo.

Ao compreendermos que infância não significa um simples conjunto de crianças, mas uma categoria social, não podemos esquecer de que não se trata apenas daquilo que as instituições inventam para ela, mas sim, de que há algo naquilo que a criança faz de si e naquilo que se faz dela (SIROTA, 2001), como ser ‘criança’ ou ser ‘aluno’. (MEDEIROS, 2009).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RECNEI): “as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação” (BRASIL, 1998, p. 21-22). As interações que ocorrem dentro dos espaços são de grande influência no desenvolvimento e aprendizagem da criança. Almejando uma perspectiva de qualidade para o desenvolvimento e aprendizagem da criança no contexto da educação infantil o espaço físico torna-se um elemento indispensável a ser observado. A organização deste espaço deve ser concebida tendo como princípio oferecer um lugar acolhedor e prazeroso para a criança, isto é, um lugar onde ela possa brincar, criar e recriar suas brincadeiras sentindo-se assim estimulada e independente.

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa. Todavia é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. Assim, em um mesmo espaço podemos ter ambientes diferentes, pois a semelhança entre eles não significa que sejam iguais. Eles se definem com a relação que as pessoas constroem entre elas e o espaço organizado. (HORN, 2004, p. 28).

O espaço criado para a criança e com a criança deverá estar organizado de acordo com a faixa etária de cada uma, isto é, propondo desafios cognitivos e motores que a farão avançar no desenvolvimento de suas potencialidades. Ele deve estar repleto de objetos que retratem a cultura e o meio social em que a criança está inserida. Gandini (1990, p.150) diz que: “o espaço reflete a cultura das pessoas que nele vivem de muitas formas e, em um exame cuidadoso, revela até mesmo as camadas distintas dessa influência cultural”. Diversos ambientes se constituem dentro de um espaço.

Reconhecendo que a criança é fortemente marcada pelo meio social em que se desenvolve, e que também deixa suas próprias marcas neste meio, tendo a sua família como principal referencia, considerando também outras relações que ocorrem em diversos níveis sociais, o espaço infantil deve priorizar remeter a história da criança para o seu contexto e através disto promover a troca de saberes entre as crianças, a exploração e modificação por ela mesma, em uma relação de interação total, de aprendizagem, de liberdade de ir e vir, de prazer, de individualidades, de partilhas, enfim, de se divertir aprendendo.

O Espaço Físico Como Possibilitador na Aprendizagem da Criança

Iniciamos o ano letivo de 2012 na Educação Infantil Recanto Tia Luízinha SESC Universitário, com a proposta dos “Cantos” que após estudos teóricos e linguísticos nomeamos de “Espaços de Aprendizagem”, e em conformidade com a nossa formação teórica e prática sabemos que desde seu nascimento a criança precisa de espaços que ofereçam liberdade de movimentos, segurança e que acima de tudo possibilitem sua socialização com o mundo e com as pessoas que a rodeiam. Espaços estes que sabemos ser direito de todas as crianças sejam eles: públicos, privados, institucionais ou naturais. De acordo com Lima (2001, p. 16): “o espaço é muito importante para a criança pequena, pois muitas, das aprendizagens que ela realizará em seus primeiros anos de vida estão ligadas aos espaços disponíveis e ou acessíveis a ela”.

O trabalho não foi fácil, nós, professores, coordenadora e diretora, tivemos que nos debruçar sobre os estudos de alguns teóricos como Kramer (2002, p. 29), quando cita Piaget “o desenvolvimento resulta de combinações entre aquilo que o organismo traz e as circunstâncias oferecidas pelo meio [...] e que os esquemas de assimilação vão se modificando progressivamente, considerando os estágios de desenvolvimento”, consideramos que todo ser humano carrega desde sua concepção conhecimentos que através da interação com o meio vai

desenvolvendo e inter-relacionando novos conhecimentos assim, nos completamos em Vygotsky (*apud* DAVIS; OLIVEIRA, 1993, p. 56): “o ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial ao seu desenvolvimento”.

Portanto um ambiente estimulante para a criança é aquele em que ela se sente segura e ao mesmo tempo desafiada, onde ela sinta o prazer de pertencer ao espaço se identificando com o mesmo e principalmente, estabelecendo relações entre os pares. Para o educador, este ambiente deve permitir a criança transpor a sua realidade, seus anseios, suas fantasias, seus medos e questionamentos.

[...] Todos os ambientes construídos para crianças deveriam atender cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil, no sentido de promover: identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e confiança, bem como oportunidades para contato social e privacidade. (DAVID; WEINSTEIN *apud* CARVALHO; RUBIANO, 2001, p. 109).

Os ambientes devem ser planejados de forma a satisfazer as necessidades da criança (personalizados), portanto, tudo deverá estar acessível à criança, oportunizando-a de se movimentar, andar, subir, descer e pular, através de várias tentativas, pois, assim estará aprendendo a controlar o próprio corpo. O ambiente deve proporcionar a estimulação de todos os sentidos das crianças, permitir que elas recebam estímulos do ambiente externo, como cheiro de flores, de alimentos sendo preparados. Sentindo a brisa do vento, o calor do sol, o ruído da chuva. Experimentando também diferentes texturas: liso, áspero, duro, macio, quente, frio. Conforme Carvalho e Rubiano (2001, p. 111): “a variação da estimulação deve ser procurada em todos os sentidos: cores e formas; músicas e vozes; aromas e flores e de alimentos sendo feitos; oportunidades para provar diferentes sabores”.

O Brinquedo, a Brincadeira, o Espaço e a Aprendizagem

Vygotsky (*apud* SESC, 2014, p. 11) buscava compreender como as crianças se relacionavam com o mundo e como produziam cultura. Afirmar que é por meio do brincar que a criança se apropria do mundo real, domina conhecimentos, se relaciona e se integra culturalmente.

[...] [Brincar] cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança. [...] a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade,

além de seu comportamento diário; [...] é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, [o brincar] contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. (VYGOTSKY, 2007 *apud* SESC, 2014, p. 11).

Para Vygotsky, ao brincar e criar uma situação imaginária, a criança pode assumir diferentes papéis agir como se fosse mais velha do que realmente é, ela pode se tornar o pai, a mãe, outra criança ou personagens imaginários, pois, brincar para a criança é principalmente estar presente no ambiente, se constituindo como indivíduo e compartilhando significados.

Segundo Horn (2004, p. 70): “o brinquedo sempre fez parte da vida das crianças, independentemente de classe social ou cultural em que está inserida”. É intrínseco da criança o hábito do brincar. Até mesmo ao se alimentar, a criança brinca com os alimentos. Portanto ao proporcionar diversos espaços para a criança brincar e agir dentro do espaço, se estará propondo novos desafios que tornarão a criança um agente da sua própria aprendizagem de forma mais lúdica.

O Papel do Professor

Sabemos que o brincar é sempre estruturado pelo ambiente, pelos materiais ou contexto em que ocorre. Ao professor cabe então participar como uma pessoa mais experiente, que deverá intervir quando necessário e também ter uma participação quando perceber o interesse da criança em tê-lo como parceiro nas brincadeiras, possibilitando assim, o desenvolvimento da criança, proporcionando momentos de interação, acesso à cultura, permitindo a criança principalmente viver a sua própria infância. De acordo com Lima (2001, p. 27):

Consciente da importância da ação que realiza, possibilitando mediações de várias naturezas, o adulto passa a atender os processos da criança com um significado que só pode ser construído tendo como referencial a criança no período de formação em que ela está e não no adulto feito que será.

O educador também precisa estar atento ao ambiente, pois, segundo Horn (2004, p. 15), “o olhar de um educador atento e sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como as crianças e adultos interagem com eles são reveladores de uma concepção pedagógica”.

Um ambiente carente de recursos, onde tanto a criança quanto o adulto veem somente paredes e espaços vagos é um ambiente sem vida, que não propõe desafios cognitivos à criança e não amplia o conhecimento. Portanto ao educador cabe planejar os espaços para a criança e com a criança, visando o meio cultural em que a criança está inserida, promovendo interações em grupos para que possam assim: criar, trocar saberes, imaginar, construir e principalmente brincar.

O principal propósito de qualquer atividade da escola é gerar aprendizagem. A criança desde o nascimento necessita da mediação do outro para se desenvolver, portanto o meio sozinho não dá conta de desenvolvê-lo e é aí que entra o papel do educador e dos colegas através das relações. (CARVALHO, 2003, p. 154).

Ao estruturar e organizar diariamente sua sala, o professor possibilita o envolvimento das crianças em brincadeiras entre elas, sem necessidade de interferência direta; dessa forma ele fica mais disponível para aquelas crianças que procuram interagir com ela.

O educador torna-se então o mediador entre crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios. O educador constitui-se, portanto, um parceiro mais experiente, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável de experiências educativa e social variadas.

Mas, de vez em quando acontecem ações equivocadas, por exemplo: quando o educador tem a visão de que: proporcionar a criança o brincar é deixá-la fazer o que quer e onde quer, sem considerar a brincadeira como um processo de organização, de recíproca, de troca de saberes. Cabe ao professor confiar nas crianças e valorizar o seu agir contribuindo para ampliação das descobertas e não apenas estar ao seu lado permitindo toda e qualquer ação. O educador deve considerar a brincadeira segundo o RECNEI (BRASIL, 1998, p. 28):

como um meio de poder observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõe.

Em meio a realização das reuniões de estudo, que não foram poucas, e após nos debruçarmos sobre a teoria e desconstruirmos nossa visão tradicional de sala de aula (todos sentados em suas mesas), timidamente começamos a construir os cantos, alguns professores

com as ideias das crianças, outros plantaram algumas iscas, por exemplo, colocaram sem que as crianças percebessem a professora colocou uma lagarta próximo da passagem para o parque de grama, pronto! Foi o bastante para aguçar a curiosidade do grupo e começar o canto das borboletas e o projeto “Era Ovo, Virou Lagarta e Agora é Borboleta!”

Considerações Finais

A organização dos espaços na Educação Infantil é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, desenvolvendo suas potencialidades e propondo novas habilidades sejam elas: motoras, cognitivas ou afetivas. A criança que vive em um ambiente construído para ela e por ela, vivência emoções que a farão expressar sua maneira de pensar, bem como a maneira como vivem em sua relação com o mundo. As crianças não formam um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a certa fase da vida, mas também como conjunto social com atributos sociais que diferenciam dos adultos. Elas precisam ser olhadas não apenas na sua aparente unidade, mas também na sua diversidade. Javeau (2005) nos recomenda a: “Conhecer as crianças como um grupo social em si, como um “povo” com traços específicos”.

As aprendizagens que ocorrem dentro dos espaços disponíveis e ou acessíveis à criança são fundamentais na construção de sua autonomia, de novos conhecimentos, desenvolvendo assim sua cultura, a cultura da infância..

O papel do adulto neste espaço, na escola, e eu diria que na vida da criança é o de um parceiro mais experiente que promove as interações, que planeja e organiza atividades com o objetivo de através das relações dentro do espaço que oferece, buscar o desenvolvimento integral de todas as potencialidades da criança, facilitando as interações, promovendo, desconstruindo e construindo espaços adequados para as crianças.

Muitas são as propostas apresentadas por vários autores, mas que só irão ser colocadas em prática o dia em que o educador infantil tomar consciência da importância de oferecer espaços ricos de informações e transformações na vida das crianças, passando a reconhecer a importância das trocas que ali ocorrem e que são oferecidas como fator essencial na vida da criança.

O novo ou a mudança na educação não significa introduzir novos materiais, mais sim novas atitudes, sendo preciso reinventar algumas práticas pedagógicas, pois educar trata-se de um compromisso, uma relação humana entre educadores e educandos. Segundo Rosa (2002),

Mudar, em educação, não depende apenas de teorias revolucionárias ou da eficácia de novos métodos. Diferente de outros campos de atuação profissional, nenhuma transformação substantiva, nessa área, prescinde do envolvimento dos educadores. Por isso mesmo, toda mudança em Educação significa, antes de mais nada, mudança de atitude.

O corpo docente da Educação Infantil Recanto Tia Luízinha se propôs a mudar e os resultados dessa mudança foram fascinantes para nós e para as crianças.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Referencial Curricular Para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEI, 1998. Vol. 1.

CARVALHO, Maria Campos de. Porque as crianças gostam de áreas fechadas? Espaços circunscritos reduzem as solicitações de atenção do adulto. *In*: FERREIRA, Maria Clotilde Rosseti. **Os Fazeres na Educação Infantil**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 47.

CARVALHO, Maria Campos de; RUBIANO, Márcia R. Bonagamba. Organização dos Espaços em Instituições Pré-Escolares. *In*: OLIVEIRA, Zilma Moraes. (Org.). **Educação Infantil: muitos olhares**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

GANDINI, Lella. Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoal. *In*: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Régio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, Cores, Sons, Aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JAVEAU, C. Criança, Infância(s), Crianças: que objetivo dar a uma ciência social da infância? **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91, p. 379-389, maio/ago. 2005.

KRAMER, Sônia. **Com a Pré-Escola nas Mãos**. São Paulo: Ática, 2000.

LIMA, Elvira de Souza. **Como a Criança Pequena se Desenvolve**. São Paulo: Sobradinho, 2001.

MEDEIROS, C. S. de. **Profissionais de Educação, Saúde, Lazer e Cultura que Trabalham com a Educação Infantil: práticas e concepções de infância**. Rio de Janeiro, 2009. 156p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **O Brincar e a Criança:** do nascimento aos seis anos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos. **A Criança e seu Desenvolvimento:** perspectiva para se discutir a educação infantil. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Educação Infantil:** muitos olhares. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SESC. **Proposta Pedagógica para a Educação Infantil do SESC Nacional.** Brasília: SESC, 2014.

REGO, Teresa C. **Vygotsky:** uma perspectiva histórico-cultural da educação. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ROSA, Sanny S. da. **Construtivismo e Mudança.** São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões da Nossa Época).